

A PÉROLA DA HILEIA: UMA BREVE HISTÓRIA DA CÚPULA DO TEATRO AMAZONAS – MANAUS¹

THE PEARL OF THE HYLEIA: A BRIEF HISTORY OF THE DOME OF THE TEATRO AMAZONAS – MANAUS

Bruno Miranda Braga²

Resumo: O Teatro Amazonas, com sua monumentalidade, expressividade e beleza, encanta a todos. Ele se tornou o emblema e o ícone da cidade, especialmente por sua peculiar cúpula multicolorida. Falar do Teatro Amazonas é falar da cidade de Manaus ao fim do século XIX. Manaus cresceu e enriqueceu à custa dos trabalhos e da comercialização da borracha, o que acarretou seu embelezamento urbano. A história da construção de um “teatro de alvenaria” na cidade era almejada pela população enriquecida que visava projetar seus “modos estrangeiros” na Floresta Amazônica. Nesse sentido, dentre os edifícios construídos, o do Teatro sobressai pelas particularidades presentes no prédio, especialmente por sua enigmática cúpula. Debruço-me neste texto sobre a apresentação dos aspectos da construção e da simbologia deste elemento diante da monumentalidade e da paisagem da cidade.

Palavras-chave: Cúpula; Teatro Amazonas; Manaus; Arquitetura; Monumento.

Abstract: The Teatro Amazonas with its monumentality, expressiveness and beauty enchants everyone, and has become the emblem, the icon of the city, especially for its peculiar multicolored dome. Manaus grew, enriched at the expense of the works and the commercialization of rubber which led to its urban aformoseamento. The history of the construction of a “masonry theater” in the city was the desire of the enriched population that saw to project its “foreign ways” in the Amazon Forest, in this sense, among the buildings built, the Theater stands out for the particularities present in the building,

1 Versão modificada da comunicação intitulada “Uma possível história da Cúpula do Teatro Amazonas – Manaus”, apresentada no 3º Encontro Internacional e 7º Seminário Fluminense de Pós-Graduandos em História, História e Parcerias, 2021.

2 Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP. E-mail: brunomirandahistor@hotmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7000-2456>

especially for the enigmatic Dome. I focus on this text to present aspects of the construction and symbology of this element before the monumentality and landscape of the city.

Keywords: Summit; Amazonas Theater; Manaus; Architecture; Monument.

1. As cúpulas têm história

Ao longo da história, o uso e a arquitetura dos, e nos, espaços assume funções semióticas repletas de expressividade, o que marca a sociedade e os pensamentos, bem como a ciência de então. Dos pré-históricos dólmens até os mais modernos arranha-céus, a arquitetura dos ecúmenos diz algo sobre suas gentes, diz algo sobre a cultura do período em questão.

De acordo com o Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa, Michaelis, em arquitetura, cúpula é uma “cobertura abobadada, em forma de taça com a abertura voltada para baixo, construída sobre plano circular, oval ou poligonal.” Além disso, o dicionário nos diz que cúpula em arquitetura é uma “parte superior convexa externa hemisférica desse tipo de cobertura; domo, zimbório.” (DICIONÁRIO MICHAELIS, versão online) Logo, uma cúpula é aqui entendida como um “elemento arquitetônico” posto por sobre edifícios com diferentes simbolizações, remetendo a diferentes usos e conceitos.

Esse elemento arquitetônico é difícil de definir precisamente e, segundo especialistas, isso gera muitas controvérsias. De acordo com a tipologia do edifício, existem diferentes termos especializados para defini-la. Cúpulas podem repousar “sobre uma rotunda ou tambor, e pode ser apoiada por colunas ou pilares que fazem a transição para a cúpula através de retângulos ou pendentes. Uma lanterna pode cobrir um óculo e pode ter outra cúpula.”

Segundo a plataforma internacional HiSoUR³, especializada em arte e cultura histórica, as cúpulas têm uma longa linhagem arquitetônica que remonta à pré-história e foram construídas de lama, neve, pedra, madeira, tijolo, concreto, metal, vidro e plástico ao longo dos séculos. O simbolismo associado às cúpulas inclui tradições mortuárias, celestes e governamentais

3 A HiSoUR é uma plataforma sem fins lucrativos que oferece valorização do trabalho de arte on-line totalmente gratuita. De acordo com o site, o principal recurso on-line para a arte internacional, uma plataforma on-line que conecta galerias e colecionadores de todo o mundo, é nosso objetivo trazer transparência ao mundo da arte. Na plataforma é possível encontrar e acessar textos de especialistas em diferentes assuntos que envolvem arte, história, arquitetura e outros.

que também se desenvolveram com o tempo.

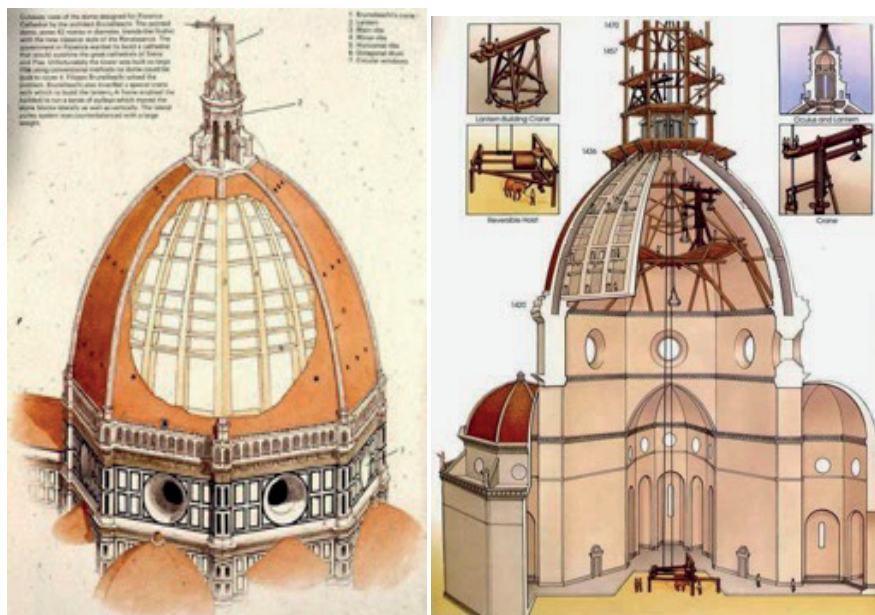
As cúpulas, portanto, possuem uma história intrínseca aos aspectos estéticos e os conceitos de humanidade, política e cultura no momento em que foram produzidas. É importante verificar e destacar o local onde está posta a cúpula. E não me refiro ao prédio, mas ao espaço, território, assim, o conhecimento daquela sociedade estará permeado pelos aspectos da cúpula.

Pérsia, Irã, Egito, Turquia, China, Roma, Bizâncio, Arábia, Rússia até a Itália Renascentista viram surgir, aperfeiçoar e demolir cúpulas ao longo dos tempos. De fato, é com Filippo Brunelleschi e a sua Cúpula sobre a Catedral de Florença, construída entre 1420 e 1436 (e a lanterna que cobre a cúpula, completada em 1467), que as cúpulas passam a ostentar o alto valor científico e matemático que essa arquitetura envolvia. Foi também nesse período (a Renascença) que uma “combinação de abóbadas de abóbada, tambor, pendentes e barril desenvolveu-se como as formas estruturais características de grandes igrejas” do período. Nisso, Florença saiu à frente garantindo-se como primeira cidade italiana a desenvolver o novo “estilo cupular”, depois, Roma e Veneza também acompanharam o estilo.

As cúpulas de Brunelleschi em San Lorenzo e a Capela Pazzi as estabeleceram como um elemento-chave da arquitetura renascentista. Seu plano para a cúpula da Capela Pazzi na Basílica de Santa Croce de Florença (1430-52) ilustra o entusiasmo da Renascença pela geometria e pelo círculo como a forma suprema da geometria. Essa ênfase nos fundamentos geométricos seria muito influente. (CRAGOE, 2014, p. 135)

As basílicas cristãs primitivas também possuíam cúpulas, como a da Basílica de Santa Sofia, na Turquia. “Os telhados cônicos das absides apesar de não serem cúpulas destacam as formas maciças da construção.” (CRAGOE, 2014, p. 135)

Imagem 01: Aspectos da Arquitetura da Cúpula da Catedral de Florença.



Disponível em: <https://cittadelgiglio.com/brunelleschi-e-cupula-do-duomo>

A arquitetura considera diferentes tipos de cúpula, de acordo com suas dimensões, ornados e estilos. Consideramos para este texto o proposto por Cragoe (2014, pp. 136-139), que apontou duas formas específicas que agregam diferentes tipos de cúpulas, como vemos nos esquemas a seguir:



Nesse sentido, todo o conjunto da construção segue uma estruturação que melhor reúne os elementos esteticamente dispostos. A cúpula do Teatro Amazonas se insere, nesse sentido, como algo pensado e feito para ser inserido no prédio, como mostrarei a seguir. Penso que, ao contrário do que já foi proposto por diferentes autores, a cúpula não estava projetada desde o início e a informação de que “foi algo encontrado por um político em uma viagem à Europa” não condiz com a ousadia, os cálculos e a ciência da arquitetura empregada na construção do monumento.

2. *Bravi for tutti!* Um Theatro lírico no trópico úmido, o Teatro Amazonas

A ideia, motivação, solicitação ou promessa política para a construção de um teatro lírico de alvenaria na cidade de Manaus é bastante antiga. A sociedade da província do Amazonas, desde sua criação em 05 de setembro de 1850, quis que a capital provincial fosse tão dignificada quanto eram as demais capitais do império.

Em 14 de janeiro de 1881, a lei nº 546 designa formalmente a construção do Theatro em Manaus. Um ano depois, o segundo vice-presidente da província, Dr. José Paranaguá, solicitou em ofício que o tesouro promovesse a “desapropriação do terreno a Oeste da praça de S. Sebastião, entre as ruas de José Clemente, Progresso e Commendador Clementina para ser n’elle edificado o theatro.” (RELATÓRIO PROVINCIAL, 17 de março 1882) É nesse período,

1881-1882, que surge, de acordo com o historiador Mario Ypiranga Monteiro (2003, p. 24), a “grande ideia” do teatro. O autor sugere que a vida lírica era intensa na cidade, que os “pequenos teatros” passaram a não atender às demandas de público, o que exigia um teatro maior e mais suntuoso. Ainda de acordo com o historiador citado, a primeira iniciativa orientada na tentativa de “doar-se à capital” um teatro maior, “mais faustoso e cômodo, deve-se tão somente ao deputado provincial Antônio José Fernandes Júnior, projeto que tomou o número 45, apresentado na sessão da Assembleia Legislativa Provincial no dia 21 de maio de 1881.”

Se contarmos de 1881 até 1896, temos um total de 15 anos necessários à concretização inicial do Teatro Amazonas⁴. Nesse sentido, nos anos de sua construção, é possível que muitas controvérsias, discussões, mudanças tenham ocorrido, impregnando na arquitetura do teatro singularidades do período. Inicialmente, o teatro foi chamado de Teatro Provincial, mas a denominação mudou com o tempo de sua execução.

Seguindo as determinações da presidência da província e da lei nº 593, o presidente José Paranaguá em 1883, após a avaliação de uma comissão que julgava as plantas, determinou o vencedor e como seguir a obra. Concorreram dois projetos: “um de C. Celeste Saccardi, de 249:883\$3290, outro organizado no gabinete portuguez de engenharia em Lisboa, e apresentado pele commerciante d’esta praça, Bernardo Antonio de Oliveira Braga, importancia de réis 500:002\$250.” Para julgar e designar um parecer, o presidente havia nomeado um júri nos termos da lei 592 de 29 de maio de 1882, que fora composto por especialistas, sendo os engenheiros “bacharel Joaquim Leovigildo de Sousa Coelho, João Carlos Antony e Charles B. Brisbin, e dos mestres de obras José Pires dos Santos e Ismael Victorio Gomes”, este júri optou pela proposta apresentada pelo Gabinete Portugues de Engenharia, uma vez que o projeto de Saccardi apresentava “deficiências”.

4 Segundo pesquisadores como Otoni Mesquita, ao dia de sua inauguração, o Teatro Amazonas ainda estava em finalização e obras de acabamento como decoração interna da sala de espetáculos, do Salão Nobre e externas, as fachadas, escadarias.

[...] visto omitir as fachadas lateraes e posterior, não contemplar no orçamento o embaço, reboco, caiação e pintura do edificio, soalho e forro da platêa ladrilho da entrada e saguão, *mão de obra da armação da cupola etc.*, além de calcular abaixo do seu custo real o preço da alvenaria e do ferro empregado para pavimento dos camarotes; o que elevaria o orçamento á cifra nunca inferior a 400.000\$000. Além d'isso o plano, segunda o parecer do jury, não poderia ser executado sem grandes alterações, indispensaveis á solidez e elegancia do edificio. (RELATORIO PROVINCIAL 25 de março de 188. O grifo é meu.)

Por este excerto, que informa sobre a mão de obra da armação da cúpula, corroboro que possivelmente a cúpula já fazia parte dos projetos originais. Ela não surgiu sem razão. Reitero que cúpulas têm sentido de destacar monumentos, e essa era uma das lógicas da criação do Teatro Amazonas. Prosseguindo o relato, José Paranaguá mostrou que a proposta do Gabinete Português atendeu e respondeu ao que esperava, contendo no projeto todas as “condições artísticas com relação à solidez, belleza e commodidade do edificio, não obstante exceder o seu custo à cifra da despeza autorisada, o qual, entretanto, deveria ficar muito reduzido, desde que se fizesse o abatimento das quantidades calculadas em excesso.” A partir disso, o presidente apontou o local para sediar o teatro: seria no terreno em frente à praça de Paysandú que “reúne as vantagens de ser perfeitamente ventilado e estar colocado no centro da cidade.” Assim, a ideia criou corpo, e foi aos poucos sendo construída, desafiando os padrões da cidade, inovando e alterando a paisagem.

Em 1884, os indicativos são de que a obra estava a todo vapor. No seu relatório de finalização do mandato e entrega da província a Guilherme Moreira, José Paranaguá mostrou que o nivelamento do local, o aplainamento, já estava acontecendo. No dia 14 de fevereiro de 1884, numa manhã ensolarada de Manaus, em cerimônia oficial, ocorreu o “assentamento da primeira pedra para a construção do edificio.” (RELATÓRIO PROVINCIAL, 16 de fevereiro de 1884) A partir de então, o teatro e sua construção começam a ser a “menina

dos olhos” dos administradores públicos, e alvo de intensa movimentação.

Otoni Mesquita (2006, pp. 208-209) mostra que entre 1885-1886, a Assembleia Legislativa entrou em conflito com a empresa contratada para a obra, fato que ocasionou o tardar das obras. Apenas em 1891 o assunto “theatro” foi retomado quando “o presidente Gregório Thaumaturgo de Azevedo” pediu ao Congresso Amazonense “autorização para resolver a questão do contrato para a construção de um teatro na capital, sugerindo a rescisão do mesmo e indenização do contratante, propondo ainda” que optassem pela construção de outro teatro “adaptado ao clima e modesto em suas dimensões.” A confusão não parecia ter fim, e o sonho dourado de um teatro no Amazonas parecia ter sido um pesadelo.

Finalmente, em 31 de agosto de 1892, já em um novo momento político, na República, e no esplendor da belle époque manauara, a lei nº 3, “autoriza o governo a liquidar as contas relativas à construção do teatro, mas a questão só foi definitivamente solucionada em novembro daquele ano, quando o governador Eduardo Ribeiro” acordou com o representante do contratado para liquidar o contrato “pela importância de 60:000\$000 réis.” Em 1893, as obras foram retomadas e Eduardo Ribeiro passou a “importar operários de outros Estados brasileiros. Em maio daquele ano, contratou-se Manuel Coelho de Castro para construir o teatro, e, em julho, o governador anunciava a chegada da primeira ‘leva de artistas’ à região.”

Após esses impasses, mudanças, “pompas e circunstâncias”, na noite esplendorosa de 31 de dezembro de 1896, numa cerimônia que contou com a apresentação da Companhia Lírica Italiana, o Teatro Amazonas foi solenemente inaugurado. Eduardo Ribeiro, o audacioso administrador público, mesmo com todo empenho, não conseguiu inaugurá-lo em seu mandato, embora tenha sido o governador que de fato dedicou-se a esse monumento.⁵

5 Muito já se escreveu sobre a vida de Eduardo e sua relação com a cidade de Manaus. Alguns trabalhos, especialmente os ligados a uma história ufanista da cidade, o apontam como o “grande idealizador” o responsável por mudar a cidade. Outros questionam que o fato de ele ter construído tanto o deu-se em razão do favorável momento econômico que o estado detinha devido aos negócios da borracha.

3. A enigmática Cúpula multicolorida: como ela veio parar em Manaus e por sobre o Teatro?

A cúpula do Teatro Amazonas tornou-se um emblema da cidade. Tomou as vistas, e se incorporou “forçosamente” à luxuriante floresta. A cidadezinha que até os anos de 1848 era uma Vila de beira de rio, em menos de cinquenta anos erigiu seu majestoso *Theatro Lyrico*. O historiador Eric Hobsbawm (2014, p. 56), ao analisar a Era dos Impérios (1875-1914), nos diz que o progresso era “tão poderoso, tão universal e tão desejável”, que todos queriam participar dele, e aceitar o seu convite à modernidade, assim como em Manaus:

Em breve não seria erguida uma ópera, aquela catedral característica da cultura burguesa, em Manaus, 1.600 quilômetros acima da foz do Amazonas, no meio da floresta equatorial primitiva, com os lucros do *boom* da borracha, cujas vítimas indígenas sequer teriam lamentavelmente oportunidade de apreciar *Il Trovatore*?

A modernidade ergueu essa catedral da cultura burguesa. Como apontou o renomado historiador, grande parte da população local, especialmente os indígenas, pouco usufruíram deste espaço. Mas essa é outra história.⁶ Sem dúvida, a construção do Teatro Amazonas engendrou forças e inovações tecnológicas e de arquitetura, tendo na cúpula o esplendor da modernidade.

A história da cúpula não começa em solo amazônico, muito menos brasileiro. De origem belga, a cúpula foi uma das inovações da era férrea com fundição, característica da modernidade oitocentista. Naquele momento, na “aurora da Revolução Industrial, encontravam-se na Bélgica numerosas instalações metalúrgicas, cujas implantações resultavam da presença abundante de madeira, água e minério de ferro.” Mecanizando cada vez mais suas instalações, a Bélgica começou “a se voltar para a exportação, o que a própria rede ferroviária facilitou ligando as empresas ao porto de Antuérpia” (PIRSON, 2014, p. 327).

6 A Ilusão do Fausto, de Edinea Mascarenhas, A cidade sobre os ombros, de Maria Luiza Ugarte, Quando viver ameaça à Ordem Urbana, de Deusa Costa, Manaus uma Aldeia que virou Paris, deste autor, entre outros mostram bem as ambiguidades, lutas sociais e resistências de grupos populares durante a belle époque manauara. Ambos trabalhos, são frutos de rigorosas pesquisas acadêmicas para titulação de mestre em História Social.

A empresa responsável por criar a estrutura férrea da cúpula foi a *Compagnie Centrale de Construction de Haine-Saint-Pierre*. Essa companhia, atualmente extinta, foi criada em 1871, no auge da expansão da mineração de carvão e do transporte ferroviário na região de La Louvière (Valônia, Bélgica). Nesse ano, o senhor Pierre-Joseph Hiard, um entusiasta da modernidade, se estabeleceu em Haine-St-Pierre, e iniciou sua vida profissional na *Fabrique de Fer*, tornando-se um prodigioso empreendedor e magnata de materiais compostos por ligas férreas. A Companhia Central de Construção teve uma dimensão internacional gigantesca. Ao final do século XIX, o mercado belga tornou-se lugar de ampla concorrência em termos de importação e exportação de materiais circulantes, equipamento de vias, pontes, estruturas de aço, viadutos, etc.

A Compagnie Centrale de Construction segue esta dimensão internacional de um jeito excepcional para a época. O equipamento ferroviário - material ou estacionários -, pontes e estruturas foram efetivamente exportados para todos os continentes. Katanga, os Caminhos de Ferro Siam, Chile, Brasil, China, Argentina eram tantos clientes ... (PATRIMÔNIO BELGA NO BRASIL. Site.)

O arquiteto Bernard Pirson⁷ afirma que muitas estruturas de cobertura, de cúpulas e elementos decorativos foram realizadas na América Latina por empresas belgas. Esses elementos, segundo o autor, são composições de projetos maiores, sendo identificados mais pelos catálogos de construtoras. Um desses lugares foi a cidade de Manaus, e um desses projetos foi o Teatro Amazonas, na estrutura interna da cúpula. A foto a seguir, datada possivelmente de 1885, mostra uma pré-montagem da cúpula em Haine-Saint-Pierre. Trata-se de um documento importantíssimo que enfatiza a estrutura férrea da Cúpula, bem como a dimensão de seu tamanho do outro lado do Ocidente, antes de estar na América.

⁷ Especialista em arquitetura belga, realizou uma importante pesquisa sobre a arquitetura belga no além mar no século XIX, defendendo sua dissertação de mestrado intitulada *"Architecture métallique démontable au XIXe siècle exportée d'Europe vers les pays d'Outre-mer: une contribution belge : Les Forges d'Aiseau"*.

Figura 02: Cúpula do Teatro Amazonas em pré-montagem em Haine-Saint-Pierre.

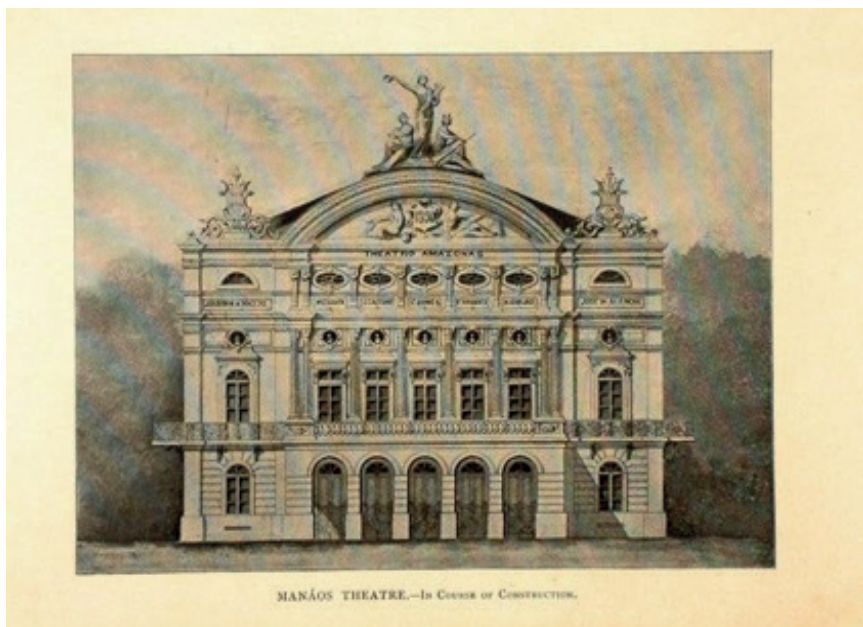


Disponível em: <https://teatroamazonas.com.br/fotos-antigas-do-teatro-amazonas/>

Em 1885, como apontei anteriormente, as obras estavam paradas devido a conflitos entre a empresa executora da obra e a província. Porém, a estrutura da cúpula, ao que tudo indica, estava em testes de pré-montagem e já havia, provavelmente, sido encomendada. É bem possível que a foto acima seja datada a posteriori de 1885.⁸ Bernard Pirson (2014, p. 332) indica que a cúpula do Teatro Amazonas foi “fabricada depois de 1885 pela empresa *Compagnie Centrale de Construction de Haine-Saint-Pierre*.” Mesmo com toda essa ambiguidade, a cúpula já estava projetada e sendo executada. A partir disso, temos a origem, o início daquilo que se tornou emblema de Manaus. A figura seguinte, parte do álbum souvenir da Exposição de Chicago de 1893, mostra uma possível fachada do Teatro em construção. O detalhe é a ausência da cúpula.

⁸ Como toda a história que envolve a cúpula, a datação exata da foto gera um misto de hesitações. No site do Teatro encontramos o indicativo de “provavelmente 1885”, o que concordamos. Há autores que afirmam ser de 1885, e outros indicam anos posteriores.

Figura 03: Manáos Theatre – In course of construction. (Teatro Manáos - Em construção, trad. Livre.)

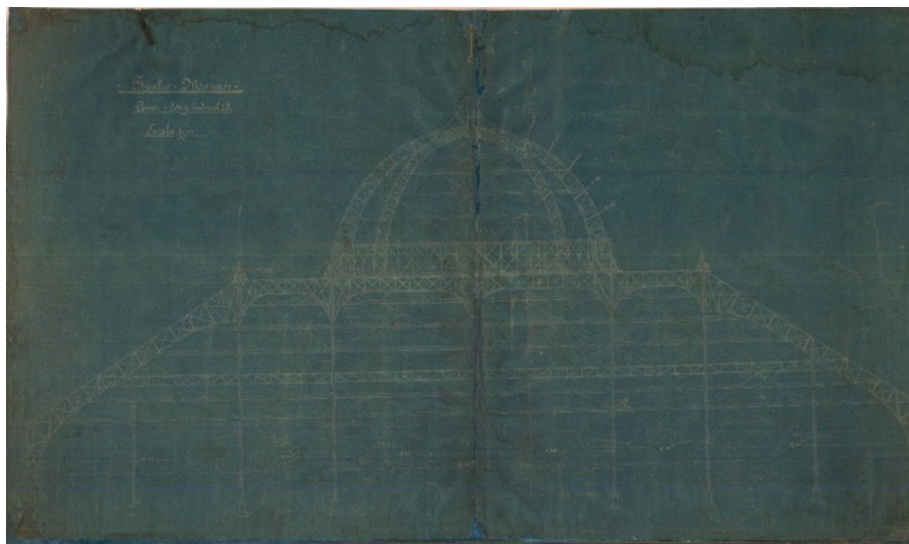


Fonte: Álbum: The city of Manáos and the country of rubber tree. Acervo pessoal.

Pouco se sabe sobre as plantas e projetos da execução do Teatro, uma vez que tais fontes não foram preservadas pelos administradores e pelo pessoal do período. Essa imagem, de acordo com Otoni Mesquita (2006. p. 215), apresenta um projeto de fachada bastante parecido com o atual, com a ausência da cúpula e a presença de alguns elementos decorativos colocados sobre a platibanda e sobre o frontão. Ainda concordando com o referido autor, não se descarta a ideia de ser uma possível planta realizada pelo artista Crispim do Amaral, “sob a orientação de Eduardo Ribeiro, que pretendia inaugurar a obra durante seu mandato.” De toda forma, acredito que se tratava apenas de um projeto feito à para verificação de como seria essa fachada sem a cúpula, que, possivelmente em 1893 já estava sendo confeccionada e esperada.

A próxima figura, um projeto da cúpula metálica datado de 1894, alude a uma questão muito importante para este texto.

Figura 04: Projeto de cúpula metálica desenhado por Willy von Bancel, 1894.



Acervo: Acervo Histórico do Teatro Amazonas

Pouco se sabe sobre a vida do desenhista da referida imagem. Segundo as escassas fontes, ele viveu em Manaus como funcionário do governo e se estabeleceu como desenhista e projetista de edificações e cartas. Com esse desenho, é possível verificar que a cúpula já era pensada e já estava a caminho de ser posta no local que está até os nossos dias: sob o Teatro Amazonas.

Como todo grande patrimônio histórico, o Teatro Amazonas reflete os ideais do período de sua execução, e funciona como um documento-monumento, no sentido que Jacques Le Goff (1996, p. 538) deu ao termo: uma vez que documentos não são inócuos, todo documento é sempre também monumento. Ele resulta de um amplo esforço das sociedades históricas “para impor ao futuro – voluntária ou involuntariamente – determinada imagem de si próprias. No limite, não existe um documento verdade.” Nesse sentido, muitas coisas e muitos pensamentos já foram escritos sobre a cúpula e sua história, competindo a nós, historiadores, constantemente revermos as questões postas outrora. Aos poucos, a cúpula cumpriu o seu papel de “renovar a paisagem” e dar ares modernos à selva que a circundava.

Figura 05: Panorama de Manaus, com destaque para o Teatro Amazonas, 1896.



Fonte: Álbum Vistas de Manaus –

Autoria: Huebner, George. Acervo do Instituto Moreira Salles.

A cúpula era vista de todas as áreas da cidade, sua suntuosidade era consenso, mas sua beleza era alvo de críticas e ofensas ao bom gosto e ao estilo do Teatro como um todo. A foto acima é um registro de George Huebner datado de aproximadamente 1896⁹. Como o Teatro Amazonas foi inaugurado em 31 de dezembro daquele ano, suponho que o registro tenha acontecido um mês antes, ou, me atrevo a dizer, dias antes, para resguardar a onipresença do construto.

Quanto ao formato da cúpula do Teatro Amazonas, trata-se de uma cúpula alongada. Sobre este tipo, considerado de formato simples, o oposto do que se julga em relação à cúpula apoiada em um tambor, pode-se dizer que

⁹ No site Brasileira Fotográfica há um indicativo que a fotografia fora produzida por cerca de 1900. Em minha dissertação de mestrado em história social, defendida em 2016 no Programa de Pós-Graduação em História da UFAM, indiquei o ano de 1896, tomando alguns autores como indicativo, e o estudo da paisagem presente na fotografia: é visível que o Palácio da Justiça, ainda estava em seus alicerces, o referido prédio foi inaugurado em abril de 1900. Outro ponto é o entorno do Teatro, que se encontra em plena ausência. Em 1900, segundo as fontes, as obras de qualificação do entorno estavam acontecendo.

“apresenta laterais verticais que parecem prolongar a superfície da cúpula. Esta característica cria uma forma alta e elegante, mas nesse caso as janelas para iluminar o interior são necessariamente menores do que aquelas que seria possível em um tambor.” (CRAGOE, 2014, op. cit. p. 137)

Figura 06: A cúpula vista de cima

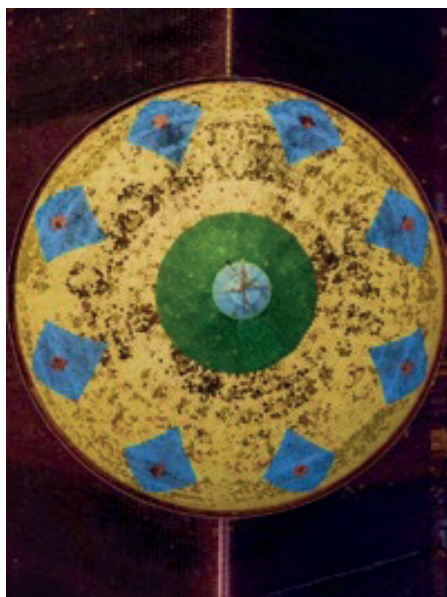


Foto: Michel Dantas – SEC/AM

Figura 07: A cúpula vista de frente do lado esquerdo do Teatro a partir do Largo



Foto: Bruno M. Braga, 2021

A cúpula é composta por telhas e vidros coloridos que parecem des- toar do estilo do prédio como um todo. O Teatro Amazonas é considerado um estilo eclético em termos arquitetônicos, por “misturar” elementos de dife- rentes vertentes e períodos/escolas artísticas. Ferro e vidro eram os elemen- tos mais elegantes e modernos na segunda metade do Oitocentos. As telhas coloridas seguem em verde, amarelo, azul e vermelho. Parece haver um con- senso entre pesquisadores e historiadores no que se refere às razões dessas cores, bem como a nítida alusão à bandeira da recém-instalada república bra- sileira. Aliás, essa temática e coloração no edifício foram razão de diferentes celeumas na assembleia no final do século XIX, uma vez que o embate entre republicanos e monarquistas estava presente também na política manauara.

Boa parte do poder público e da sociedade considerava a cúpula “feia”, “uma aberração”, “de mau gosto”. Segundo os memorialistas da cidade, no dia seguinte à inauguração do Teatro a cúpula foi referida pejorativamente,

inclusive, como “papagaio”. Em abril de 1896, o cidadão Lourenço Machado fora contratado para executar a pintura da cúpula, recebendo a importância de 930\$100 para este fim. (DIARIO OFFICIAL, 14 de janeiro de 1896) Em 08 de junho de 1896, o redator do Jornal Commercio do Amazonas, informou que já estava “preparado o desenho da cupola do Theatro Amazonas. Ao que nos parece, brevemente veremos reformada aquella obra.” (JORNAL COMMERCIO DO AMAZONAS. Quarta-feira, 8 de junho de 1896).

No ano de 1898, os embates em torno do simbolismo e da estética da cúpula chegaram ao extremo. Na manhã ensolarada de 1º de fevereiro daquele ano, o governador, em ofício encaminhado ao diretor das obras públicas, autorizou-o “a chamar concurrentes para colocação das calhas no Theatro Amazonas e retirar a cupula do mesmo, dezendo o modo pelo qual proceda este serviço.” (DIARIO OFFICIAL, 1º de fevereiro de 1898) Isso mesmo, foi aberto um concurso para contratar um serviço para demolir a cúpula. O caso foi prolongado e tenso.

Dezenove dias depois dessa primeira chamada, o edital de retirada da cúpula foi formalmente escrito e publicado:

EDITAL DA DIRECTORIA DE OBRAS PUBLICAS
De ordem do cidadão dr. Director interino, devidamente autorizado pelo cidadão dr. Secretario da Industria, chamo concurrente por espaço de seis (6) dias a contar da data da publicação d'este, para o serviço de demolição da cupula do Theatro Amazonas e construção da cubertura, de telhas envernizadas iguaes ás já existentes no Theatro, em substituição da referida cupula. Quaesquer esclarecimentos a respeito serão fornecidos aos interessados n'esta Directoria. Cada proposta deverá vir acompanhada de uma guia de deposito feito no Thesouro, da quantia de (3:000\$) tres contos de réis para a garatia do cotracto. As prooppostas serão recebidas n'esta Secretaria até as 12 horas do dia 25 do corrennte, e abertas a uma hora da tarde do mesmo dia perante o conselho de arrematação da Secretaria da Industria e na presença dos interessados. Secretaria da Directoria de Obras Publicas, em 20 de fevereiro de 1898.

O Official

Joaquim Wolfango F. Teixeira. (DIARIO OFFICIAL,
20 de fevereiro de 1898.

O edital era tão audacioso quanto misterioso. Em fevereiro de 1898, era governador do estado o sr. Fileto Pires Ferreira, que teve amplo apoio de Eduardo Ribeiro para ser eleito. Fileto seguia, ao que parece, a linha de seu antecessor. Mas como explicar uma possível “destruição” daquilo que Eduardo Ribeiro mais sonhou em ver construído? Segundo pesquisadores da história política do Amazonas, havia uma intensa manipulação nesse meio desse período. Era o ápice da economia da borracha, e todos queriam cargos e comandos públicos. A tentativa de retirada da cúpula parece, então, ter sido uma forma de apaziguar disputas não propriamente em torno de gostos ou questões estéticas, mas sim referentes a jogos políticos e alianças partidárias. A chamada circulou por semanas, estendendo-se até a data de 22 de março de 1898. Em 12 de abril, num ofício da Secretaria da Indústria ao Diretor das Obras Públicas, o senhor secretário comunicou a “anulação da proposta para substituição da cupula do Theatro e autorizando abrir nova concorrência.” (DIARIO OFFICIAL, 12 de abril de 1898).

Nesse momento, em abril de 1898, o governo estava nas mãos de José Cardoso Ramalho Jr., pois Fileto estava em Paris, possivelmente cuidando de problemas de saúde. Ramalho Jr. e seu séquito, que eram oposição a Fileto e a Eduardo Ribeiro, arquitetaram um golpe que incluiu uma “falsa renúncia” do governador em viagem e se mantiveram no poder até 1900. E a cúpula do Teatro Amazonas foi mantida em seu lugar. Em 26 de maio de 1898, oficialmente o secretário dos negócios da indústria mandou “fazer publico que nesta data foi anulada a concorrência para a retirada da cupola do Theatro Amazonas.” (DIARIO OFFICIAL. 26 de maio de 1898). Assim, a cúpula permaneceu e se tornou o emblema, o símbolo maior da cidade de Manaus.

Ao longo desses 127 anos completos, o Teatro Amazonas foi alvo de diferentes pesquisas em diferentes escalas acadêmicas e áreas de conhecimento. A obra como um todo foi pensada para agradar gostos e particularidades daquilo que chamo “elite da borracha”. Os manauaras daqueles anos finais do século XIX possivelmente atribuíam outros sentidos ao monumento e à cúpula, em especial. Sabemos que a ornamentação, tanto da sala de espetáculos quanto do salão nobre, mesclam sentidos de arte e pensamentos europeus “se divertindo na Amazônia”. Nesse sentido, propomos que para o caso da cúpula não foi diferente.

A Cidade e a Cúpula: Considerações finais

Partindo do alto da Cúpula, podemos dividir a estrutura da cúpula em três partes:

- 1) No primeiro ponto está o cume; a ponta é inicialmente em telhas verdes, seguida por amarelo predominante e losangos em azul celeste com o meio em vermelho e uma linha; finalizando, temos uma linha multicolorida formada por conjunto de três cores: azul celeste, alaranjado e verde;
- 2) A linha de vidros coloridos bem no centro são as janelas, que se apresentam nas cores azul e vermelho;
- 3) Abaixo dos vidros, voltam-se às escamas multicoloridas, uma linha com um conjunto de escamas azuis, vermelhas e amarelas. Seguindo, inicia-se a parte em verde bandeira, e os losangos amarelos, centralizados com losangos azuis, aludindo sem dúvida à bandeira do Brasil.

Por que uma cúpula neste formato? Neste estilo? Ela alude a quê? Se tomarmos como base as casas de ópera europeias que serviram de base para o desenho do Teatro Amazonas, seja o Alla Scala de Milão, ou o Teatro da Ópera de Paris, de Charles Garnier, seus aspectos eram mais discretos e “formais”; o próprio Theatro da Paz, em Belém do Pará, fundado em 1878, segue uma linha de ornados externos mais “formais.” Penso que a opção por esse estilo de cúpula diz muito mais sobre o Amazonas do que pensamos. Se internamente, houve diversas solicitações para incrementar, mesclar o estrangeiro com o local, creio que a cúpula seria o ápice disso. É bem verdade que as fontes silenciam muito sobre as razões da obra e sua simbologia, como apontou Otoni Mesquita, mas é muito possível que a escolha da cúpula e a predominância da cor amarela quisessem remeter também às ocas, às casas indígenas que tanto existiam no Amazonas oitocentista, e, assim, tornar o prédio peculiar, retratando peculiaridades locais em sua arquitetura.

Referências

COMPAGNIE CENTRALE DE CONSTRUCTION HAINE-SAINT-PIERRE (1871 - 1961). Patrimônio Belga no Brasil. Disponível em: <http://www.belgianclub.com.br/pt-br/creator/compagnie-centrale-de-construction-haine-saint-pierre-1871-1961>

CRAGOE, C. D. *Como decifrar arquitetura*: um guia visual completo dos estilos. Trad. de Ricky Goodwin. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2014.

DIARIO OFFICIAL do Estado Federado do Amazonas. Manáos, terça-feira, 14 de janeiro de 1896. Ofício da repartição das Obras Públicas ao governador, no expediente do dia 18 de outubro de 1895. Acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028843&pesq=%22cupula%22&pasta=ano%20189&hf=memoria.bn.br&pagfis=10193>

DIARIO OFFICIAL, Manáos, terça-feira, 12 de abril de 1898. Ofício da Secretaria da Industria ao Director das Obras Publicas. Acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028843&pesq=%22cupula%22&pasta=ano%20189&hf=memoria.bn.br&pagfis=10193>

DIARIO OFFICIAL. Manáos, domingo, 20 de fevereiro de 1898. Acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028843&pesq=%22cupula%22&pasta=ano%20189&hf=memoria.bn.br&pagfis=10193>

DIARIO OFFICIAL. Manáos, domingo, 26 de maio de 1898. Edital da Secretaria de Industria. Acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028843&pesq=%22cupula%22&pasta=ano%20189&hf=memoria.bn.br&pagfis=9794>

DIARIO OFFICIAL. Manáos, terça-feira 1 de fevereiro de 1898. Ofício da presidência ao Director das Obras Publicas. Expediente do mês de janeiro. Acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028843&pesq=%22cupula%22&pasta=ano%20189&hf=memoria.bn.br&pagfis=9658>

DICIONÁRIO MICHAELIS, versão on-line. <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/c%C3%BA>

HISTORY OF DOME. HISTÓRIA DA CÚPULA. Arquitetura. Plataforma HiSoUR. Disponível em: <https://www.hisour.com/pt/history-of-dome-32037/>

HOBSBAWM, E. J. *A Era dos Impérios 1875-1914*. Trad. Sieni Maria Campos e Yolanda Steidel de Toledo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

JORNAL COMMERCIO DO AMAZONAS. Quarta-feira, 8 de junho de 1896. Acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=301337&pesq=%22cupula%22&pasta=ano%20189&hf=memoria.bn.br&pagfis=558>

LE GOFF, J. *História e memória*. Trad. de Irene Ferreira, Bernardo Leitão, Suzana Ferreira Borges Campinas: Editora UNICAMP, 1996.

MESQUITA, O. *Manaus: História e Arquitetura*. Manaus: Editora Valer/Prefeitura de Manaus/UNINORTE, 2006.

MONTEIRO, M. Y. *Teatro Amazonas*. 2ª ed. Manaus: Editora Valer/Governo do Estado do Amazonas, 2003.

PIRSON, B. Arquitetura industrial belga no Brasil no século XIX. in: STOLS, Eddy, MASCARO, L. P. e BUENO, C. (orgs.) *Brasil e Bélgica: Cinco séculos de conexões e interações*. São Paulo: Narrativa Um, 2014.

RELATORIO Apresentado á Assembléa Legislativa do Amazonas na abertura da Segunda Sessão da décima sexta legislatura em 25 de março de 1883, pelo presidente José Lustosa da Cunha Paranaguá. Manáos: typ. do Amazonas de José Carneiro dos Santos, 1883. Acervo do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas IGHA.

RELATORIO COM QUE em 17 de março de 1882 o 2º vice-presidente da Província do Amazonas Dr. Romulado de Souza Paes de Andrade entregou a administração ao Dr. José Lustosa da Cunha Paranaguá. Manáos: Typ. Do Amazonas, 1882. Acervo do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas IGHA.

RELATORIO com que o presidente da Província do Amazonas, Dr. José Lustosa da Cunha Paranaguá, entregou a administração da mesma província ao 1º vice-presidete Coronel Guilherme José Moreira em 16 de fevereiro de 1884. Manáos: typ do Amazonas de J.C. dos Santos, 1884.